

Secretaria da Educação do Estado do Ceará

SEDUC-CE

Professor Nível A - Especialidade: Geografia

Edital Nº 030/2018 – SEDUC/SEPLAG, de 19 de Julho de 2018

JL0105-2018

DADOS DA OBRA

Título da obra: Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC - CE

Cargo: Professor Nível A - Especialidade: Geografia

(Baseado no Edital N° 030/2018 – SEDUC/SEPLAG, de 19 de Julho de 2018)

- Conhecimentos Específicos

Autora

Ana Maria

Gestão de Conteúdos

Emanuela Amaral de Souza

Diagramação/ Editoração Eletrônica

Elaine Cristina

Igor de Oliveira

Ana Luiza Cesário

Thais Regis

Produção Editorial

Suelen Domenica Pereira

Julia Antoneli

Leandro Filho

Capa

Joel Ferreira dos Santos

SUMÁRIO

Conhecimentos Específicos

1	Concepções do pensamento geográfico e sua influência no ensino da Geografia.....	01
1.1	Sociedade, lugar e paisagem no ensino da Geografia.....	03
1.2	Currículo: cultura e territorialidade no ensino da Geografia.....	05
1.3	Novas abordagens teóricas e metodológicas no ensino da Geografia.....	09
1.4	Novas tecnologias de comunicação e informação no ensino da Geografia.....	13
1.5	Aspectos avaliativos no Ensino da Geografia.....	26
2	Geopolítica e Econômica.....	29
2.1	O espaço como produto do homem.....	34
2.2	Capitalismo;.....	37
2.3	Desenvolvimento e subdesenvolvimento.....	39
2.4	Economia do pós-guerra.....	42
2.5	O Brasil, a nova ordem mundial e a globalização.....	44
2.6	O comércio internacional.....	46
2.7	O MERCOSUL.....	46
2.8	A economia mundial e do Brasil.....	50
2.9	O problema da dívida externa.....	51
2.10	Energia e transporte.....	52
2.11	A agropecuária.....	66
2.12	O comércio.....	71
2.13	A indústria.....	73
2.14	Os serviços.....	82
2.15	As relações de trabalho.....	82
2.16	As desigualdades sociais e a exploração humana.....	82
2.17	A revolução técnico-científica.....	91
3	Geografia da população.....	92
3.1	A população e as formas de ocupação do espaço.....	92
3.2	Os contrastes regionais do Brasil.....	92
3.4	Urbanização e metropolização.....	92
4	Ecologia.....	115
4.1	Ecosistemas naturais.....	115
4.2	Impactos ambientais.....	115
4.3	Recursos naturais e devastação histórica.....	115
4.4	Política ambiental.....	115
5	Competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio para a disciplina de Geografia.....	136

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

1	Concepções do pensamento geográfico e sua influência no ensino da Geografia.....	01
1.1	Sociedade, lugar e paisagem no ensino da Geografia.....	03
1.2	Currículo: cultura e territorialidade no ensino da Geografia.....	05
1.3	Novas abordagens teóricas e metodológicas no ensino da Geografia.....	09
1.4	Novas tecnologias de comunicação e informação no ensino da Geografia.....	13
1.5	Aspectos avaliativos no Ensino da Geografia.....	26
2	Geopolítica e Econômica.....	29
2.1	O espaço como produto do homem.....	34
2.2	Capitalismo;.....	37
2.3	Desenvolvimento e subdesenvolvimento.....	39
2.4	Economia do pós-guerra.....	42
2.5	O Brasil, a nova ordem mundial e a globalização.....	44
2.6	O comércio internacional.....	46
2.7	O MERCOSUL.....	46
2.8	A economia mundial e do Brasil.....	50
2.9	O problema da dívida externa.....	51
2.10	Energia e transporte.....	52
2.11	A agropecuária.....	66
2.12	O comércio.....	71
2.13	A indústria.....	73
2.14	Os serviços.....	82
2.15	As relações de trabalho.....	82
2.16	As desigualdades sociais e a exploração humana.....	82
2.17	A revolução técnico-científica.....	91
3	Geografia da população.....	92
3.1	A população e as formas de ocupação do espaço.....	92
3.2	Os contrastes regionais do Brasil.....	92
3.4	Urbanização e metropolização.....	92
4	Ecologia.....	115
4.1	Ecossistemas naturais.....	115
4.2	Impactos ambientais.....	115
4.3	Recursos naturais e devastação histórica.....	115
4.4	Política ambiental.....	115
5	Competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio para a disciplina de Geografia.....	136

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

1 CONCEPÇÕES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA.

No Século XIX, a Geografia começou a usufruir o status de conhecimento organizado, através da chamada Geografia Tradicional. Uma das questões mais delicadas que se arrasta ao longo dos séculos é sobre o objetivo fundamental do estudo da Geografia, o que acabou por trazer para a prática, contradições dicotômicas como a dicotomia Geografia Física x Geografia Humana, em que a primeira estudava o quadro natural e a segunda, a distribuição dos aspectos originados pelas atividades humanas.

Outra contradição foi a dicotomia entre Geografia Geral x Geografia Regional. A primeira procurava estudar a distribuição dos fenômenos na superfície da Terra, o que resultou na Geografia Sistemática e na subdivisão da Geografia; a segunda procurava estudar as unidades componentes da diversidade de determinada área, da superfície terrestre, em que o geógrafo desenvolveu a habilidade descritiva.

Tentando superar as dicotomias e os procedimentos metodológicos da Geografia Regional, a Nova Geografia desenvolveu-se procurando incentivar e buscar um enquadramento maior da Geografia no contexto científico global.

Conforme Christofolletti (1997), nos anos 50 e 60, começa a aparecer nova estrutura teórica que culminou com o uso de técnicas estatísticas e matemáticas para a análise dos dados. Aparecem obras de teorização e quantificação e introduzem-se nas universidades brasileiras as disciplinas relacionadas à quantificação na Geografia.

Marcando a superação da Nova Geografia, começam a surgir as tendências alternativas. Nas últimas décadas ganharam ascensão três tendências:

- a Geografia Humana,
- Geografia Idealista e a
- Geografia Radical ou Crítica.

A Geografia Humanística tem suas bases teóricas na Geografia da Percepção. A tarefa básica do geógrafo humanista é mostrar como são espaços e lugar, através de uma estrutura coerente, com a valorização da percepção.

A Geografia Idealista representa a tendência para valorizar a compreensão das ações envolvidas nos fenômenos, procurando focalizar o seu aspecto interior, o pensamento subjacente às atividades humanas. A meta do geógrafo idealista é, segundo Christofolletti (1997), compreender a resposta racional para o fenômeno, mas não na explicação do fenômeno em si, com focalização maior na tendência histórica do que na espacial, e atribuindo importância ao pensamento.

Já a Geografia Crítica, Radical, de Relevância Social ou Marxista como é conhecida, iniciada na década de 1960, é uma corrente geográfica preocupada em ser crítica e atuante. Interessa-se pela análise dos modos de produção e das formações socioeconômicas. Os geógrafos críticos têm por base a filosofia marxista, que tem por objetivo colaborar ativamente para a transformação da sociedade.

A Geografia Crítica ou Radical faz a análise geográfica, baseada nos aspectos indissociáveis da natureza e da sociedade. Não sendo, portanto, possível definir a natureza sem que esteja presente o homem, já que é o trabalho que mediatiza a relação entre o homem e a natureza. Alguns autores da Geografia Crítica: Yves Lacoste, Massimo Quaini, David Harvey, James Anderson e os brasileiros Milton Santos (que critica a Nova Geografia com rigor teórico e aponta falhas no caráter eminentemente descritivo, com necessidade da explicação para se atingir a cientificidade) e Ruy Moreira.

A partir da década de 70, intensificou-se no Brasil a reflexão sobre a proposta teórico-metodológica, sendo o positivismo clássico e o historicismo questionados pelos geógrafos teóricos da Geografia quantitativa. Em 1976, a obra de Yves Lacoste, "A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra", questiona a forma como foi trabalhado o ensino e revela a postura do Estado como dominador, que concentra o saber, enquanto ao cidadão revela-se o saber fragmentado. A partir disso, os geógrafos atribuíram maior importância ao conteúdo político da Geografia.

Nos anos 80, teóricos de orientação marxista influenciaram a produção geográfica, iniciando a década das transformações nos conteúdos e nas abordagens da Geografia.

A Geografia Crítica, no Brasil, apresentou um grande crescimento nos últimos vinte anos. Porém, segundo Oliveira (2003), o momento atual da Geografia é vivido por um embate teórico-metodológico e prático em três frentes:

Frente 1: Temos no ringue uma briga entre a Geografia tradicional (descritiva e determinista) e a chamada "new geography", construída sobre o neopositivismo e também apresentada como Geografia quantitativa, Geografia teórica, Geografia moderna, Geografia pragmática etc.

Frente 2: Neste ringue temos um embate entre a Geografia tradicional (descritiva e determinista) e a Geografia crítica (fundamentada no materialismo histórico).

Frente 3: Este é o ringue mais movimentado, que está com a luta cada vez mais acirrada entre a "new geography", construída sobre o neopositivismo e a Geografia crítica (fundamentada no materialismo histórico).

Na prática, ainda não é possível afirmar a hegemonia desta ou daquela corrente. Ainda segundo Oliveira (2003), o que se observa é a aparência de uma grande confusão entre a maioria dos professores de Geografia que se vê envolta por uma discussão da qual não tem participado. É da ampliação deste debate que nascerá a hegemonia desta ou daquela corrente.

Debate este que continuará com os problemas apontados no livro de Massimo Quaini: A Geografia revela hoje sua alma dualista: oscila e continua oscilando entre determinismo e possibilismo, entre naturalismo e historicismo idealista, entre uma causalidade materialista e um finalismo indeterminado. Isto é, de um lado, tende-se a considerar como real somente a necessidade ou causalidade material (e, portanto, o homem como ser natural determinado pelo ambiente e a sociedade humana reduzida a um formigueiro); do outro, considera-se como real somente o finalismo ou a liberdade da ação humana (e, portanto, o ambiente como livre criação do homem)" (QUAINI, 1979, p. 22).

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

Para Vesentini (2003), o professor que elabora uma reflexão crítica sobre o seu papel e o da Geografia como disciplina, percebe que, ao estar inserida numa sociedade dividida por interesses antagônicos, a escola é um campo de luta de classes: serve para a reprodução das relações de dominação, para a preparação do trabalho dócil ao capital e como reprodutor da ideologia dominante. Neste aspecto, a função do ensino de Geografia é a de difundir uma ideologia do “Estado-Nação”, tornar essa construção histórica como algo natural. Assim, o estudo do Brasil deve começar pela área e formato do território, latitude e longitude, destacando sua imensa riqueza e natural e o seu centro geográfico do país. Desta forma, Brasil passa a significar território e não povo e sociedade, e governo passa a significar administrar, gerenciar, e nunca fazer política no sentido verdadeiro da palavra.

OS DESAFIOS DE ABORDAGEM E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

A dificuldade com o objeto de estudo da Geografia é assunto debatido a todo momento nos eventos científicos da disciplina. Recentemente, levantou-se um debate acirrado sobre as implicações destes conflitos epistemológicos no ensino da Geografia nos níveis básico. Isso significa reconhecer que há ambiguidades e os problemas da Geografia como ciência não estão restritos ao ambiente das universidades onde ela é investigada. Os alunos da Educação Básica sofrem também com estes dilemas. Os livros didáticos são a principal (e às vezes única) fonte de informação dos professores e passam ao longo do tempo por crises em sua abordagem. O caráter ideológico da Geografia pode transformá-la em um instrumento legítimo de construção da cidadania ou em um panfleto contestador mal elaborado e ineficiente. A definição do papel do professor, diante da complexidade dos conteúdos da disciplina, torna-se um mediador da leitura de mundo dos alunos em uma sociedade em constante transformação.

Invariavelmente, percebemos um descompasso entre o enfoque no conteúdo escolhido pelo professor e o público alvo ao qual este conteúdo se destina, como se emissor e receptor utilizassem códigos completamente distintos. Um conteúdo com enfoque marxista em uma turma de ensino médio de uma escola de elite será tão inócuo quanto um enfoque neoliberal na escola pública da periferia.

O conceito de materialismo histórico reproduzido aqui pode ser encontrado nas mais variadas formas em livros didáticos de Geografia, principalmente quando tratam de aspectos históricos e econômicos de uma determinada região. Isso não significa que todos os autores utilizaram a mesma concepção ou que será possível utilizar o materialismo histórico em todos os conteúdos tratados pela disciplina. Um exemplo prático é a abordagem dos conteúdos de Geografia Física. O fato destas abordagens aparentemente surgirem destituídas de uma fundamentação ideológica, passam a falsa impressão de serem mais científicas, ou neutras. Esta falsa impressão pode levar o professor a acreditar que seria possível transmitir esta “neutralidade” para os demais conteúdos da disciplina.

Vamos levantar um debate a seguir que poderá ser bastante revelador para esta questão.

MARXISMO

O Marxismo é o conjunto de ideias filosóficas, econômicas, políticas e sociais elaboradas primariamente por Karl Marx e Friedrich Engels e desenvolvidas mais tarde por outros seguidores. Interpreta a vida social conforme a dinâmica da luta de classes e prevê a transformação das sociedades de acordo com as leis do desenvolvimento histórico de seu sistema produtivo.

NEOLIBERAL

Doutrina econômica que defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim em grau mínimo.

A (DE) FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E SEU DISCURSO

Como argumentos gerais, o discurso do professor deverá ser estruturado a partir de quais princípios? Como vimos anteriormente que a neutralidade no papel do professor é impossível, todos nós carregamos nossa bagagem de conhecimentos, nossas ideias e nossa posição político-ideológica que irá fundamentar-se em uma determinada corrente do pensamento geográfico. Outra questão importante está centrada no papel do professor, especificamente o professor de Geografia. Uma vez que alguns professores pensam (ou são encorajados a pensar) que seu papel em sala de aula está relacionado ao processo de conscientização dos alunos, que serão formados ideologicamente a partir do seu discurso. Neste aspecto, Vesentini trata deste assunto questionando o conceito de “conscientização”. Seguindo ele,

“Esse termo está na moda atualmente entre os que se preocupam com a renovação do ensino, e deriva da pedagogia de Paulo Freire. Mas ele é usado em dois sentidos bastante diferentes. Suas origens extrapedagógicas, como se sabe, localizam-se na ideia de “consciência de classe” ou consciência “para si” (da classe, o “em si”) (VESENTINI, 2003, p. 114).

Nesse aspecto, merece cuidado o que se entende por conscientização e doutrinação, uma vez que no ambiente da escola, muitos professores assumem posturas aparentemente libertadoras, mas que no fundo, reforça a forma autoritária de ensino, onde se tem o professor como “dono da verdade” e aluno como repositório passivo decorador das lições. E o que fazer para evitar cair nesse caminho? Como trabalhar com uma disciplina de forte conteúdo ideológico sem caminhar nas trilhas da doutrinação?

Como já comentamos na primeira aula, é fundamental entender a especificidade do processo educativo, que educação também é uma forma de luta de classes, mas específica e diferente da fábrica ou do partido. E, na realidade, o professor nunca irá “conscientizar” ninguém, mas no máximo contribuir para que determinadas potencialidades do educando (a criticidade, a logicidade, a criatividade) se desenvolvam. Mas esse desenvolvimento não é fruto de

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

ensinamentos do professor, no sentido de “ensinar a ser crítico”, mas sim resultado do aprendizado do aluno, do seu esforço nas discussões, elaboração de atividades, leitura de textos etc. E, principalmente, da relação entre o conteúdo a ser estudado com a sua vida, os seus problemas e do mundo onde vive.

Para Vesentini (2003), frequentemente os professores da Educação Básica clamam por um especialista do ensino superior para estabelecer o conteúdo correto a ser ensinado aos seus alunos. A cooperação entre os diversos níveis de ensino deve existir e é benéfica, mas não deve degenerar em tutela do ensino superior sobre os outros. O Ensino Fundamental e Médio, longe de ser apenas um apêndice do universitário (como geralmente se imagina), no caso da Geografia possui claramente uma mão dupla (influências recíprocas) e muitas vezes foi a partir do papel social do ensino que a Geografia acadêmica teve seu papel de pesquisa reconhecido e legitimado.

Isso significa que a prática, que a Geografia como ciência, necessita de sua construção realizada na base de sua estrutura como um caminho de retroalimentação para os debates acadêmicos sobre seus pressupostos teórico-metodológicos.

Por isso, acreditamos que apesar das inúmeras contradições que constroem o pensamento geográfico, a partir deste movimento crítico escola – universidade – sociedade, nasce uma proposta para o ensino de Geografia. Este debate tem como objetivo transformar o aluno passivo em um ser crítico, capaz, desde o início do processo de aprendizagem a criar/ construir o saber.

CONCLUSÃO

A Geografia é uma disciplina envolvida em profundo questionamento quanto ao seu objeto e método, há cerca de três décadas, que busca se livrar de paradigmas forjados por mais de cem anos de domínio absoluto do positivismo clássico. Enquanto isso, o ensino de Geografia encontra um abismo intransponível entre a evolução do pensamento geográfico com suas inúmeras correntes e mudanças e a prática da disciplina em sala de aula.

O debate realizado nas universidades não chega até o professor que está em sala de aula, e que tem, na maioria dos casos, como única referência e orientação o livro didático. Felizmente, nos últimos anos, vem acontecendo uma aproximação entre a academia e os professores da rede de ensino fundamental que resulta em propostas desafiadoras para o ensino de Geografia, porém, cabe ao professor desenvolver a visão de totalidade da sociedade brasileira. E esta totalidade é produto da unidade na diversidade, logo, síntese de múltiplas determinações. E a transmissão desses conceitos passa necessariamente pela questão ideológica, da ideologia de classe que o professor está inserido.

Fonte

http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17554616022012Metodologia_do_Ensino_de_Geografia_Aula_2.pdf

1.1 SOCIEDADE, LUGAR E PAISAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA.

Espaço Geográfico

O espaço geográfico é o conceito balizador da Geografia, produto da ação do homem sobre a natureza, conforme a sua evolução histórica-tecnológica e cultural. Para Corrêa (1982) é o mais abrangente, apresentando-se como “um todo” do qual derivam os demais conceitos e com o qual se relacionam.

Milton Santos (1996:51) parte da compreensão de espaço como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

A relação dos alunos com o espaço e sua abrangência e profundidade, requer instrumentos conceituais básicos que possibilitem uma leitura de mundo, de espaço. Neste contexto, pode-se tomar como objeto de estudo geográfico na escola, o espaço geográfico, entendido como um espaço social, concreto, em movimento que requer uma análise interdependente e abrangente de elementos da sociedade e natureza e suas múltiplas relações, bem como nas diversas escalas (CAVALCANTI, 2006).

O professor de Geografia tem a responsabilidade de propiciar ao aluno diversas possibilidades interpretativas do espaço geográfico, para que o educando possa interagir criticamente, compreendendo e relacionando as especialidades da Geografia, sobretudo a partir das relações estabelecidas entre a sociedade e natureza, enfatizando relações a partir de temas como urbanização, dinâmica populacional, aspectos econômicos, globalização, geopolítica, aspectos naturais: relevo, hidrografia, clima, vegetação e ecossistemas, entre outros. Neste contexto, a representação dos diferentes lugares, deve ser realçada mediante a utilização de mapas, maquetes e plantas, com a legenda e a escala definida, e com apoio das novas tecnologias.

A partir do conceito de espaço geográfico, pode-se trabalhar com as demais categorias, consideradas por alguns autores como mais operacionais, como: paisagem, território, lugar, rede, entre outros, onde cada conceito expressa uma possibilidade de leitura do espaço geográfico delimitando um caminho metodológico (SUERTEGARAY, 2001).

Sugestão de atividades para sala de aula: por ser a categoria central da Geografia existem inúmeras possibilidades de trabalhar com o espaço geográfico, partindo da escala local para a global com suas interações, a depender da capacidade cognitiva do aluno, de forma que o mesmo consiga estabelecer a compreensão da sociedade-natureza, tais como:

a) Espaço público e privado, desde uma praça a uma multinacional: onde podem ser realizadas pesquisas de campo cuja representação poderá ser a elaboração e apresentação de uma maquete, por exemplo, como, no caso de

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Geografia

multinacional pesquisas via telefones 0800, sites da empresa, demais fontes primárias, produtos consumidos, dentre outros;

b) Análise das transformações ocorridas no espaço urbano e rural a partir de imagens;

c) Espaço natural e espaço modificado pelo homem;

d) Elaboração de maquetes da organização do espaço geográfico; e,

e) Montagem de painéis das diferentes formas de ocupação do espaço local, regional, nacional e global.

Essas atividades podem ser desenvolvidas mediante a utilização de vários recursos didáticos, tais como: fotografias, cartão postal, figuras, imagens de satélite e fotografias aéreas de forma que os alunos reconheçam como elementos fundamentais para a análise de organização do espaço geográfico.

Lugar

O conceito de lugar está relacionado à realidade de escala local ou regional, podendo ser entendido, conforme Carlos (1996:20), como a parte do espaço geográfico, efetivamente apropriado para a vida, onde se desembocam as atividades cotidianas, "a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar".

No passado a relação era local-local e na contemporaneidade é local-global, neste sentido, ao mesmo tempo em que é global, as relações se concretizam nos lugares específicos. Para Santos (1996) cada lugar é, à sua maneira, o mundo, e que a história concreta do nosso tempo, repõe a questão do lugar numa posição central. Assim, estudar e compreender o lugar repleto de relações históricas, de vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, as paisagens tornam-se significativas ao estudo, num tempo e num espaço específico. Em Geografia, significa compreender as relações que ali ocorrem inter-relacionado-as.

Assim, surge a importância de trabalhar a partir do espaço vivido, para que possa entender as relações entre o regional, o nacional e o global. Para Callai (2000) é imprescindível ler o lugar, para compreender o mundo em que vivemos. Pode-se partir de temáticas, de problemas e, a partir daí, aguçar a curiosidade dos alunos. Essas problemáticas podem ser formuladas a partir da realidade do que ocorre e do que existe no mundo, considerando as dimensões de espaço e de tempo.

Ao construir os conceitos de espaço e de tempo, analisando sua história de vida, vinculada com a história do lugar, o aluno levanta questionamentos, tais como: Como as paisagens foram criadas ao longo do tempo? Como era o lugar antes de tais ocupações? Por quem e de que forma o lugar foi ocupado? Como ocorreu o processo de ocupação? Que atividades foram desenvolvidas no local? Essas questões tendem a instigar o aluno a relacionar os conhecimentos adquiridos na escola, relacionando-os com seus saberes.

Por esse viés é fundamental contemplar os saberes que o aluno possui, mas é necessários associar esse conhecimento numa relação local/regional/nacional/global. Callai (2005) reforça quando destaca que ao observar o lugar específico (concreto) e confrontá-lo com outros lugares, dá-

-se início ao processo de abstração, entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido.

Os PCNs de Geografia abordam que o lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Outrossim, é por intermédio dos lugares que se dá a comunicação entre homem e mundo (BRASIL, 1998). O que reforça que as categorias de análise geográfica não devem ser trabalhadas isoladamente.

Com o intuito de facilitar a relação ensino e aprendizagem focaremos algumas sugestões de recursos didáticos e/ou atividades que podem ser desenvolvidas no decorrer das aulas. Entretanto, a partir dessas sugestões vocês devem refletir sobre outras possibilidades de recursos didáticos a serem usados, assim como os procedimentos metodológicos a serem utilizados para a concretização da atividade.

Sugestão para sala de aula: trabalhar com músicas, como por exemplo: Asa Branca de Luiz Gonzaga, ou Sampa de Caetano Veloso, assim como outras que podem ser usadas para responder as seguintes perguntas:

a) Que tipo de lugar é descrito na música?

b) Quais as características físicas e humanas do lugar?

c) Quais as relações estabelecidas com outros lugares regional/nacional/mundial?

d) Que outras canções os estudantes conhecem que descrevem outros lugares?

Dentre os vários recursos didáticos que podem ser usados em sala de aula para auxiliar no ensino da Geografia, os meios de comunicação, como a televisão e o computador conectado à internet, merecem destaque uma vez que tais recursos permitem que os alunos interajam instantaneamente com diferentes lugares do mundo, facilitando a compreensão da relação local/global.

Paisagem

Para muitos, a paisagem restringia-se à possibilidade visual, a tudo que nossa vista alcança. Para Troll (1950 apud SUERTEGARAY, 2001) é um conjunto das interações homem e meio, algo além do visível, resultado de um processo de articulação entre os elementos constituintes.

Bertrand (2009) definiu-a como resultado sobre certa porção do espaço, da combinação dinâmica e instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que interagindo dialeticamente uns sobre os outros fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínua evolução.

Já Milton Santos (1996) conceitua paisagem como o conjunto de formas que exprimem heranças as quais representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza. O autor esclarece que a paisagem não é espaço geográfico, pois de acordo com sua conceituação:

"A paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade. Seria, numa comparação ousada, a realidade de homens fixos, parado como numa fotografia. O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento. Por isso, paisagem e espaço são um par dialético. Comple-